

O PT atrás dos pobres

Alberto Ramos
Da equipe do *Correio*

São Paulo — “Trabalhador vota em trabalhador, Lula para governador”. Com este slogan e há 19 anos, o Partido dos Trabalhadores fazia sua estréia na primeira eleição direta para governador, realizada ainda no regime militar. Lula não ganhou o governo estadual em 1982, mas acabou concorrendo três vezes em eleições diretas à Presidência da República. É atualmente o nome mais forte da oposição para 2002, mas seu partido vive um impasse. O PT descobriu que ainda não chegou ao poder porque não consegue justamente os votos dos brasileiros mais carentes. Percebeu que trabalhador pobre não vota em trabalhador.

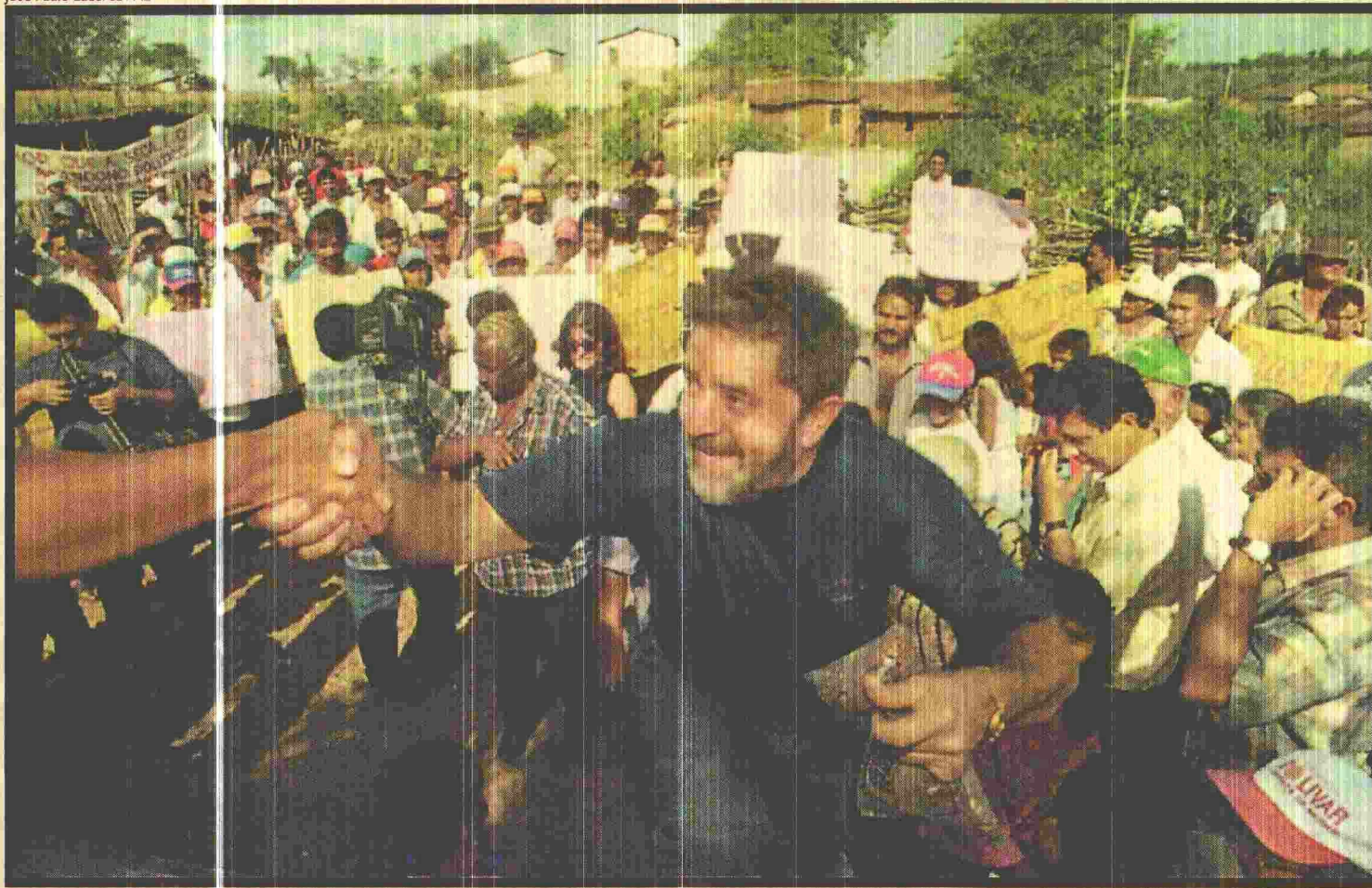
“Ou nós mudamos o discurso e ampliamos as alianças partidárias, ou perderemos a eleição de 2002”, argumenta o deputado federal petista João Paulo Cunha (SP). Coordenador do Grupo de Trabalho Eleitoral (GTE), a instância partidária que montou a estratégia das eleições municipais do ano passado, João Paulo quer repetir a dose. Naquela disputa, o PT conquistou 182 prefeituras de cidades grandes e médias, incluindo cinco capitais.

Para a próxima empreitada, o GTE analisou com lupa um alentado mapeamento das três últimas eleições presidenciais. A pesquisa, elaborada por cientistas políticos da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio, traça o perfil ideológico do eleitor por região, contabilizando votos dos 5.500 municípios brasileiros. Na avaliação da cúpula petista, tratam-se de números reveladores.

“A direita consegue falar com a população carente com uma eficácia maior que a nossa”, atesta João Paulo. Para o deputado José Dirceu (SP), o povão entrou no foco da estratégia petista, por mais óbvia que esta afirmação possa parecer. “Em 2002, esta será a nossa preocupação”, afirma Dirceu. “Mas isso não significa que vamos moderar o discurso. Queremos é fazer crescer uma liderança carismática, como a que ocorreu no ano 2000”, completa.

A conquista das prefeituras de São Paulo, Aracaju, Recife, Porto Alegre e Belém, no ano passado, marca pontos nas contas do PT. É o resultado do que o presidente do partido classifica de cresci-

José Paulo Lacerda / AE



LULA, EM QUIXERAMOBIM (CE), DURANTE A CAMPANHA DE 1998: O PT ADMITE QUE TEM DIFICULDADE PARA CONQUISTAR VOTOS EM REGIÕES CARENTES

mento de “lideranças carismáticas”. Avalia-se entre os petistas que, a exemplo do que ocorre na capital gaúcha, onde chegaram ao terceiro mandato consecutivo, aos poucos está sendo derrubada a rejeição contra o PT. Também pesa nessa análise a expectativa com relação ao desempenho da gestão da prefeita Marta Suplicy, em São Paulo.

MARQUETEIRO MALUFISTA

“O PT no governo já não é mais surpresa para ninguém”, observa o publicitário Duda Mendonça, que se tornou conhecido pelas campanhas publicitárias que fez para os ex-prefeitos Paulo Maluf (PPB) e Celso Pitta (PMN) e hoje é contratado do PT. A aproximação entre o marqueteiro baiano e a direção petista já demonstra uma significativa mudança no partido. Duda nega que seja o escolhido para comandar a campanha presidencial do PT no próximo ano. Mas não esconde seu “namoro” com a legenda.

De concreto, Duda responde por uma campanha de sete comerciais do PT que já começaram

a ser veiculados, além de um programa de 20 minutos que irá ao ar no mês que vem. As peças publicitárias, polêmicas, usam o slogan “Xô Corrupção” e a imagem de ratos devorando a bandeira brasileira. “Fui procurado para fazer os comerciais apesar das restrições ao meu nome no partido”, observa. “Isso mostra que o PT hoje é mais pragmático”, avalia (leia entrevista nesta página).

Se a campanha eleitoral começasse agora, a principal tarefa dos marqueteiros do PT seria tentar superar a barreira de 31% dos votos válidos. “O grande desafio para Lula é ultrapassar o limite de um terço do eleitorado, que ele conquistou em 1998”, atesta o cientista político César Romero Jacob, coordenador da pesquisa da PUC do Rio.

A afirmação de Romero se baseia no desempenho eleitoral do petista. Luís Inácio Lula da Silva obteve 17% dos votos válidos no primeiro turno do pleito de 1989, quando concorreu com o ex-presidente Fernando Collor de Mello. Em 1994, contra Fernando Henrique Cardoso, seu patamar subiu para 27% e, na disputa de

1998, chegou a 31%.

A pesquisa também revela que FHC obteve votações expressivas, em 1994 e 1998, do mesmo eleitorado que havia optado por Collor, em 1989. Enquanto Lula conseguiu seu melhor desempenho nas capitais, em cidades industriais do Sudeste e do Sul, Collor e FHC foram imbatíveis nos rincões do interior do Brasil e em vastas áreas do Nordeste. Venceram entre a população que possui o mais baixo nível de alfabetização e renda.

Para Romero, o estado de São Paulo e sua capital serão pontos cruciais na estratégia petista. O crescimento da votação nacional de Lula nos três pleitos não teve correspondência em São Paulo. Lula conseguiu 15% da preferência dos paulistanos em 1989, chegou a 27% em 1994 e estagnou na disputa seguinte: repetiu os mesmos 27% em 1998. O desempenho do PT em São Paulo também repete a performance nacional do partido. Collor, e depois FHC, obteve suas melhores votações no empobrecido Vale do Ribeira paulista e nos pontos extremos da Grande São Paulo. O PT, como

era esperado, saiu-se melhor nas regiões operárias do ABC e do Vale do Paraíba.

“O eleitorado de São Paulo representa 22% do total de votos do Brasil, daí a sua importância”, afirma Romero. “O PT deve tentar crescer junto ao eleitor covista (de Mário Covas), que pode se identificar com a imagem ética do partido”, observa o pesquisador.

Para a eleição de 2002, o PT ainda não oficializou o candidato, que deverá ser Lula, mas já começa a delinear o tom da campanha. Constarão propostas de geração de emprego, melhoria dos índices sociais, combate à corrupção, além de muitas referências às prefeituras e governos petistas. Integrantes do partido avaliam que foram derrotados nas três eleições presidenciais por um discurso que se baseou em três medos: a) o de uma administração petista; b) o do fim do Real; e c) o da volta da inflação. Mas desta vez, o partido vai aposentar o repertório de críticas ao Plano Real. “Não discutiremos o Real. Ele é uma conquista do povo brasileiro”, ensina o deputado João Paulo.

Lula chega e ataca FHC

A festa do lançamento da candidatura estava armada. Mas Luís Inácio Lula da Silva fez o possível para que os metalúrgicos do ABC paulista, berço sindical do PT, não o atropelassem. “Acho que a gente não pode aproveitar esse momento para escolher candidato”, disse Lula na entrada do restaurante São Judas, no bairro Demar-chi, em São Bernardo do Campo.

O imenso restaurante, que faz parte da história sindical do ABC, estava lotado na tarde de ontem, a pedido do sindicato dos metalúrgicos. A entidade vendeu 1.500 convites, a R\$ 15 cada um, para a feijoada que lançaria Lula. Desde o meio-dia, sindicalistas e lideranças locais do PT se acotovela-vam para aguardar o líder petista.

“Organizamos o almoço para receber o Lula, que ficou alguns dias fora, e cobrar que ele seja candidato a presidente”, afirmou o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luiz Marinho. “É o pedido de um setor importante da militância para que Lula seja nosso candidato”, completou o deputado federal Jair Meneghelli, ex-presidente da CUT. A intenção, contudo, não teve apoio do próprio Lula, que voltou às 6h de ontem de uma viagem de 13 dias à China. Ele mesmo pediu “calma” aos seus seguidores, mas não adiantou nada.

Lula chegou ao restaurante às 14h, vestindo terno e camisa azuis com gravata vermelha. Vinha acompanhado pelos deputados José Dirceu (presidente do PT), José Genofino e João Paulo Cunha. Logo a entrada, o ex-líder sindical reencontrou os antigos companheiros das portas de fábrica.

ABRAÇOS E BEIJOS

Daquele momento em diante, não adiantou mais dizer que não. O encontro virou comício de um candidato relutante em assumir tal condição. Lula distribuiu abraços e beijos, pegou crianças no colo e teve dificuldade em locomover-se no meio da multidão. Também fez questão de criticar duramente o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

“Hoje Fernando Henrique Cardoso é um homem desequilibrado emocionalmente no comando do país”, disse ele, num dos mais duros ataques a FHC. A fala petista referia-se às declarações do presidente, numa entrevista da semana passada, na qual Fernando Henrique classificou a oposição de “fascista”. O pré-candidato do PT devolveu às críticas. “O governo quer mudar o Código de Defesa do Consumidor para evitar processos. Isso é uma medida mais do que fascista e autoritária”, afirmou.

Não faltaram comparações de FHC aos presidentes do regime militar. A tentativa tucana de abafar a CPI da Corrupção igualaria, para Lula, o atual governo aos dos presidentes Garrastazu Médice e Ernesto Geisel. “A maior parte das denúncias de corrupção não foi feita pela oposição, mas pela imprensa. Ele (FHC) age com autoritarismo fascista contra a liberdade de imprensa”, disse o petista.

A crise energética e o risco do apagão não foram esquecidos. “Nós passamos seis anos ouvindo o governo dizer que o PIB ia crescer, quando descobre-se que o Brasil não fez as obras de infraestrutura necessárias para crescer”, disse. “O povo brasileiro já percebeu que o Fernando Henrique fala mais do que faz”, completou. (AR)